



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

A importância dos guias de arquitetura: ensaio sobre um percurso em um 'bairro moderno' na cidade de São Paulo.

The importance of architecture guides: essay on a journey into a 'modern district' in the city of São Paulo.

BORTOLLI, Oreste

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

oreste@usp.br

Resumo

No Brasil o consumo do turismo arquitetônico se faz ao improviso, com grupos de interessados, em transportes fretados. Isso se deve à falta de publicação de guias de arquitetura. Mesmo na Europa os guias surgem tardiamente. Tendo isso como mote, o trabalho se desenvolve ao simular percursos em Higienópolis, na cidade de São Paulo, buscando um ponto de partida para a feitura de um guia de arquitetura. Levando em conta os aspectos históricos do bairro o trabalho prossegue focando a arquitetura e obras de arte. O primeiro se dá ao longo da Avenida Higienópolis, local que sintetiza o que ocorreu em dois momentos distintos: Higienópolis enquanto lugar da elite cafeeira, e o momento em que o quadro edilício original cede lugar a outra morfologia, densa e verticalizada; da fase em que o capital imobiliário chega ao bairro, consolidando a existência de um patrimônio moderno. Finalizando, por amostragem, apresenta fichas técnicas dos edifícios considerados relevantes para um guia de arquitetura.

Palavras-chave: Guias de arquitetura. Arquitetura moderna. Capital imobiliário.

Abstract

In Brazil the architectural tourism is made by improvisation, realized with interested groups, in chartered transportations. This is due to the lack of publication of guides to architecture. Even in Europe the guides have appeared later. As a matter of fact, the work simulates courses in Higienópolis, in São Paulo, seeking a starting point for preparing a guide of architecture. Taking into account the historical aspects the work focuses on the architecture and artworks. The first part takes place along Avenida Higienópolis place that summarizes what happened at two different times: Higienópolis while place the coffee farmers elite, and the time that the buildings create another morphology, dense and vertical - the stage at which comes to the real estate capital district, consolidating the existence of a modern heritage. Finally,



CINCCI

IV Colóquio Internacional

sobre o comércio e cidade: uma relação de origem

Uberlândia, 26 a 28 de março de 2013

by sampling presents the buildings which are considered relevant for a guide to architecture

Keywords: Architecture Guides. Modern architecture. Real estate.

1 Dois guias de arquitetura, duas maneiras de abordagem.

Publicado na Inglaterra o guia *Modern Architecture in Europe a guide to buildings since the Industrial Revolution* constitui um dos pontos altos em termos de documentação de arquitetura no contexto europeu. No intuito de abranger uma escala continental, abarcando quinze países, seus autores Dennis J. De Witt e Denise Elizabeth R. De Witt (1987,7) alegam que viajaram 55.000 milhas visitando 1500 edifícios ao longo de 2 anos e meio. Segundo os autores, o que os moveu a realizar esse guia tão extenso foi justamente a inexistência de guias compreensíveis relacionados à arquitetura moderna, pois os De Witt declaram (1987,7) que à época o material de consulta para o turismo arquitetônico não passava de poucos mapas e livros com uma visão cega sobre a arquitetura, abrangendo territórios pulverizados e desarticulados no contexto europeu, sem pontuações geográficas precisas. Assim, movidos aos incentivos dos arquitetos americanos Robert Venturi e George Everard Kidder Smith iniciaram o principal momento da feitura de um guia sistematizado, que é o trabalho de campo. Venturi despertou o interesse, na medida em que lhes mostrou quem a arquitetura, em essência, é passível de ser vista a partir dos seus problemas e também de suas riquezas. Smith, por sua vez, um arquiteto teórico e fotógrafo de arquitetura os incentivou a desenvolver o trabalho em escala continental.

Como recorte temporal, também um tanto extenso, os autores deste guia remetem-se às grandes estruturas em auge decorrentes da Revolução industrial em meados do século 18, passando, então ao longo do século 19, finalizando na década de 1970. Mencionando que no resultado final da publicação, promoveram exclusões os De Witt (1987, 6) adotaram como principal critério de seleção os “edifícios canônicos”, ou seja, aqueles cuja genealogia demonstrasse qualidades estéticas seminais.

Sob o ponto de vista da sistematização da escala continental, foram selecionados 15 países da Europa fora da antiga Cortina de Ferro, abrangendo, em imensa maioria, as principais e as maiores cidades de cada país. Além de mapas das regiões das obras, estabeleceram que nesse mapa haveria um código de identificação as direções a tomar para cada obra escolhida. As obras foram fotografadas, caracterizadas por estilos, procedendo a elas um breve comentário.

Impresso em preto e branco, e tendo em vista a enorme quantidade de edificações, nenhuma abordagem relativa à organização funcional foi expressa neste guia. O guia fora feito para quem visitasse as obras de carro. Não há nos mapas-guia sinalizações de transportes coletivos.

Outro guia exemplar é o *Guide de L'Architecture Moderne à Paris*, organizado por Hervé Martin. Mais pontual que o guia de abrangência continental, Martin agrupa os prédios a partir de 18 percursos cobrindo um ou dois distritos, dos 20 existentes intramuros na cidade de Paris – Île-de-France, incluindo o Bairro de La Défense. Prefaciado por Paul Chemetov, o guia apresenta uma sistematização muito clara, destinada muito mais ao pedestre, pois em cada mapa do distrito indica as todas as estações de metrô, cuja rede em Paris abrange imensa parte da cidade. Abrangendo as obras desde o *Art-Nouveau* até àquelas decorrentes da gestão do presidente Francois Mitterrand, um destaque neste guia reside no comentário das obras que são feitos pelos arquitetos autores, salvo os comentários daqueles que morreram, cujas obras são descritas pelo autor.

Impresso a cores, o guia de Hervé Martin traz uma ideia bem mais clara do que o guia dos De Witt. Contudo, não há também nada que toque à organização funcional das edificações.

Ambas as abordagens destes guias serviram de mote para realizar um projeto de pesquisa em andamento que resultou neste ensaio e no sentido de realizar um guia do Bairro de Higienópolis na cidade de São Paulo¹.

2 O bairro de Higienópolis percurso 1

Higienópolis, assim titulada, por se constituir em cidade ou lugar de higiene (HOMEM, 1980, 34) fora, em sua 'fase áurea' endereço de empresários do café, de comerciantes estrangeiros e dos primeiros nomes da indústria brasileira. Nasceu, segundo Maria Cecília Naclério Homem (1980, p. 117) sob o signo de um período qualificado como a *Belle Époque* paulistana em que prevalecia o refinamento dos hábitos na vida privada e em sociedade. O luxuoso conjunto de palacetes ecléticos formava um quadro edilício sem precedentes na cidade.

O bairro foi palco de acontecimentos ilustres, como os salões culturais, salientando aquele realizado por iniciativa do escritor e mecenas Paulo Prado da Semana de 22, reunindo intelectuais e artistas "modernistas": Mário de Andrade, Oswald de Andrade, Di Cavalcanti, Graça Aranha, Tarsila do Amaral e Anita Malfati.

Não obstante, o processo de metropolização da cidade foi decisivo para derruir os traços originais do bairro. Até mesmo a 2ª Grande Guerra Mundial e a Revolução de 1932 não impediram o crescimento da cidade, a qual continuava a ser a metrópole do café. Na medida em que a industrialização intensificava, sucedeu conseqüente expansão populacional (HOMEM, 1980, 140), avolumando ofertas de emprego, atraindo a migração advinda do campo.

As décadas de 1930 e 1940 trouxeram a São Paulo a consolidação e o aprofundamento do processo de industrialização, tornando-a principal polo econômico do país, ocorrendo, assim, aceleração no processo de urbanização, pois a população em 1930 atingiu 890 mil habitantes; e em 1933 já ultrapassava 1 milhão (SILVA, 2004, 100). A partir do segundo pós-guerra decorre intensiva industrialização, e de 1940 a 1960, ocorrendo mudanças na configuração espacial da cidade (FELDMAN, 2004, 125).

Foi, portanto, no bojo desse cenário econômico que desencadeia a 'descaracterização' do bairro, transformando sua morfologia que se consolida predominantemente verticalizada.

Se por um lado se deu a perda da hegemonia da existência dos casarões, por outro, tal mudança tornou-se campo fértil para que os projetos de arquitetos brasileiros e estrangeiros aqui radicados os substituíssem por um quadro edilício de valor arquitetônico inestimável, contribuindo para a consolidação do movimento moderno em São Paulo.

Consoante ao quadro construído, vestígios e contrastes de épocas se fazem presentes no bairro, podendo ser observadas percorrendo pouco mais de 1 km ao longo da Avenida Higienópolis, onde coexistem arquiteturas dos séculos 19 e 20: palacetes ecléticos que deram origem ao bairro, tendo como exemplo monumental a casa de Veridiana da Silva Prado². Construída em 1884, o palacete fora feito aos moldes europeus, originando a chácara Vila Maria, com projeto vindo da Europa, em estilo Renascença francês³, em meio a jardins e bosques construídos pelo engenheiro Luiz Liberal Pinto (HOMEM, 1980, 44).

Um dos contrastes mais candentes se dá quando o olhar direciona ao longo da primeira quadra da avenida onde a lâmina de caráter modernista - o edifício Parque Higienópolis - impõe-se como vizinho deste palacete, representando a consagração do período de verticalização, expansão demográfica e mudança na morfologia do bairro, quando, intensamente, entra em cena a indústria imobiliária⁴ (figura 1).

Dentre os pitorescos, sobressai o edifício Bretagne (figura 3) de Artacho Jurado, Situado no final da avenida o prédio, antecipando os condomínios-clube, as cores, as curvas e elementos aparecem em profusão, ao mesmo tempo em que formas do ideário modernista eclodem no meio da grande colagem de referências (FORTE, 2008, 70). Lado oposto, justamente em frente ao Bretagne, permanece como equipamento de uso educacional o austero Colégio Sion, de Ramos de Azevedo⁵.

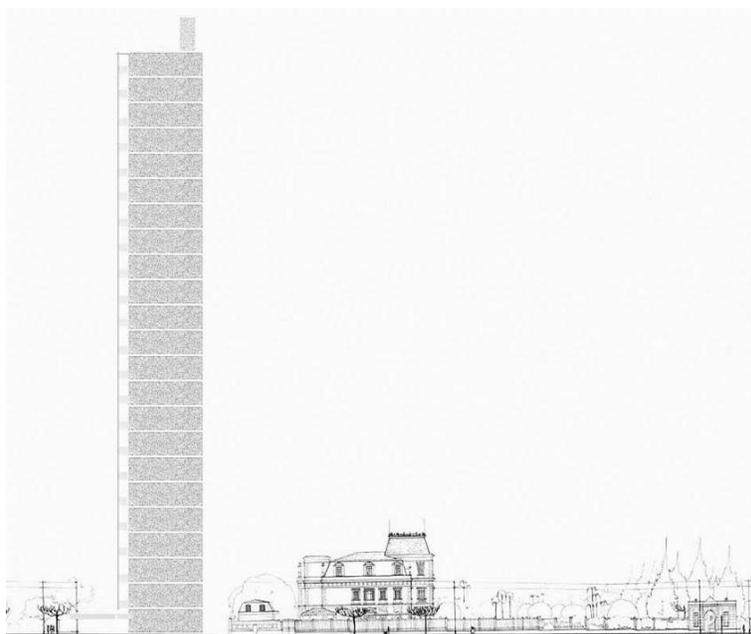


Figura 1 – Contrastes. O Parque Higienópolis e a Vila Maria. Montagem do autor sobre desenho de Sílvio Macedo

Fonte: MACEDO, Sílvio Soares. *Higienópolis e arredores: processos de mutação de paisagem urbana*. São Paulo: Pini: EDUSP, 1987, s/p.

Percorrendo a avenida, os casarões resistentes ao tempo atraem o olhar. Pulverizados em meio à predominância de edifícios residenciais com gabarito médio de 15 andares, percebe-se aqueles remanescentes resguardando a memória de um tempo no qual se repetiam no bairro os estilos conhecidos na cidade: chalés, casas neoclássicas, térreas com porão e platibandas, de influência francesa (com telhados de ardósia e mansardas), ou a mistura destes nas mesmas obras (HOMEM, 1980, 84). Neste universo vale ressaltar a residência eclética de Nhonhô Magalhães⁶ (figura 2). Foi o último palacete do 'período áureo' construído em Higienópolis. Situado na esquina da avenida com a Rua Albuquerque Lins, foi finalizado em 1931, realizada de acordo com repertório trazido por Nonhõ de uma visita que fizera à Europa (HOMEM, 1980, 151).



Figura 2 – Casa de Nhonhô Magalhães

Fonte: MACEDO, Sílvio Soares. *Higienópolis e arredores: processos de mutação de paisagem urbana*. São Paulo: Pini: EDUSP, 1987, s/p.



Figura 3 - Edifício Bretagne

Fonte: foto do autor.

A escultura e a pintura⁷, artes parceiras da arquitetura moderna se fazem presentes no bairro, podendo ser contempladas nos térreos e nas fachadas dos edifícios que lhes servem de suporte.

Exemplar notável é o mosaico de pastilhas do Edifício Nobel, de Bramante Buffoni. (figuras 4 e 5). O tema dessa composição “Aves e peixes em meio à natureza” mede 2,46 por 8,45 metros (ANDRÉ, 1989, 18). Admirável exemplo pode ser apreendido no térreo do Edifício Prudência (figura 6). Trata-se de uma área de transição entre a rua e o interior do prédio dotada de paredes com azulejos de autoria de Roberto Burle Marx, executado pela Osirarte⁸ Outro, porém, mais contido no interior, é o painel de Clóvis Graciano (figura 7), posicionado ao rés-do-chão do Edifício Lausanne, abrangendo partes externas e internas do edifício. A pintura a óleo e cera tem como tema “As mulheres e a terra”, medindo 3,00 por 12,00 metros (ANDRÉ, 1989,48).



Figuras 4 e 5 - Edifício Nobel- mosaicos de Bramante Buffoni.

Fonte: fotos do autor.



Figura 6 – Edifício Prudência. Azulejos de Roberto Burle Marx

Fonte: Foto do autor.



Figura 7 – Edifício Lausanne – Painel de Clóvis Graciano

Fonte: Foto do autor.

Um segundo instante do percurso, no qual os prédios foram escolhidos por amostragem se apresenta no levantamento, detém-se ainda em edificações situadas na mesma avenida e nas demais ruas, convergindo pontualmente aos edifícios que testemunham a afirmação do movimento moderno no bairro.

Acrescente-se que essa arquitetura foi garantida pelo fato de atender a demanda do mercado imobiliário.

Para Hiroyama (2010, p. 22) a consolidação do ideário modernista e a formação da classe profissional dos arquitetos foram amparadas pelas experimentações bem sucedidas e consonantes com as demandas mercadológicas, cujos profissionais atendem novos usos, resolvendo as demandas por tipologias e programas surgidos. Além disso, a linguagem moderna dos prismas puros incorpora com facilidade a aplicação de elementos de mercado, sendo recorrente a adoção de pastilhas cerâmicas e elementos cerâmicos.

Importante destacar que junto a esta classe profissional arquitetos advindos de outras partes imigraram para o Brasil. Estabeleceram-se em São Paulo, trazendo na bagagem ideias e conceitos das vanguardas europeias, ao mesmo tempo em que foram atraídos pela vanguarda arquitetônica que pairava no Brasil. Cabe, portanto, elencar as figuras de Jacques Pilon, Adolf Franz Heep, Lucjan Korngold e Victor Reif.

Graduado em Paris pela École Nationale de Beaux Arts, em 1932, Pilon veio para o Brasil em 1933 e se associou à empresa Pilmat Pilon Matarazzo, empresa de projetos e empreiteira, na qual sob forte influência do ecletismo e o *Art Déco* francês, realizou uma significativa provisão de edificações na cidade de São Paulo. Em 1935, por encomenda do conde Andrea Matarazzo projeta e constrói o Edifício Santo André, a quem lhe conferiu liberdade criativa. Situado na Rua Piauí com a Avenida Angélica, além de ter sido considerado o mais elegante da cidade, marca o início da ainda então incipiente verticalização do bairro, em versão Protomodernista (figuras 6 e 7). Posteriormente, Pilon engaja-se às vanguardas, adotando por completo o repertório moderno⁹.

Heep estudou arquitetura na Escola de Artes e Ofícios de Frankfurt. Veio para o Brasil em 1947 trazendo consigo a experiência vivenciada em obras públicas que lhe fora ensinada por um de seus mestres Adolf Meyer, em Frankfurt, e a influência francesa de Mallet-Stevens, Auguste Perret e Le Corbusier, com os quais estagiou em Paris. Tratando das demandas do mercado imobiliário, Heep contribui fortemente para a consolidação de um padrão de excelência arquitetônica, particularmente na região central e no Bairro de Higienópolis¹⁰. Nascido no seio de uma elite judaica cosmopolita de Varsóvia, Lucjan Korngold estudou na Faculdade de Arquitetura da Escola Politécnica de Varsóvia, e se formou em 1922, juntamente com aqueles que compuseram a vanguarda atuante da arquitetura polonesa durante as décadas de 1920 e 1930, entre os quais Szymon (1893-1964) e Helena (1900-1982) Syrkus, representantes poloneses no Ciam entre 1928 e 1959. Contudo, quando a Alemanha, ao iniciar uma onda de perseguições aos judeus invade a Polônia, em setembro de 1939, Korngold desembarca no porto de Santos, em 1940. Trabalha no escritório Francisco Matarazzo Netto entre 1940 e 1943. Em seguida associa-se a Francisco Beck, em 1944. Dois anos depois cria o Escritório Técnico Lucjan Korngold Engenharia e Construções. Os projetos de Korngold no Brasil são divulgados a partir dos anos 1940 pela revista *L'Architecture D'Aujourd'hui*; na exposição Arquitetura Latino-americana desde 1945, organizada pelo historiador da

arquitetura Henry-Russell Hitchcock (1903 - 1987) no Museum of Modern Art of New York - MoMA¹¹

Victor Reif nasceu na Polônia onde iniciou sua formação acadêmica, em 1928 em Berlim, absorvendo experiências significativas como a da Bauhaus, em Dessau. Em 1930, transfere-se para a Universidade de Darmstadt, berço do *jungstil - art nouveau* da Alemanha, onde permaneceu até o final do ano letivo. Em 1931 reintegrou-se à Escola de Berlim onde, ainda como estudante, participou da equipe do arquiteto Bruno Taut, colaborando na pesquisa para moradia coletiva mínima. Formou-se pela *Technische Hochschule Berlin-Charlottenburg*, em 1933. Atuou em São Paulo nos anos de 1950 e 1960, incorporando ao cenário paulistano obras que refletem sua formação racionalista. Em sua provisão predominam projetos para a iniciativa privada: residências, localizadas nos bairros das zonas oeste e sul da cidade e os edifícios habitacionais se encontram no centro, nos bairros de Santa Cecília e Higienópolis¹².



Figuras 8 e 9 – Edifício Santo André

Fonte: desenho e foto do autor

Não obstante, os arquitetos locais, atuando no bairro a partir dos anos de 1950, colocavam em prática alguns dos preceitos elencados por Hiroyama (2010, 21), a saber:

- A ordenação estrutural, a partir dos avanços da técnica do concreto armado, otimizando o uso de formas dos canteiros, permitindo o aumento de vãos dos intercolúnios;
- A estrutura independente dos vedos e dos arranjos internos, e consequente aplicação dos pilotis ao nível do térreo;
- A padronização dos elementos compositivos dos edifícios: a caixilharia, revestimentos e equipamentos de instalações prediais de hidráulica e elétrica, advindas da produção industrial brasileira;

Além desses aspectos apontados pelo autor, a organização funcional concentra as prumadas hidráulicas, buscando clareza nos fluxos. As amplas janelas ocupam os vãos, buscando a melhor orientação, nas quais em alguns casos são aplicados os elementos de proteção solar em suas diversas maneiras: uma delas a madeira que fora explorada para conter a inclemente insolação do clima tropical de altitude.

As adoções deste material criando brise-soleils, muxarabis ou persianas, produzem nítida impressão de tecer rendados de sombras nas fachadas.

2 Levantamento percurso 2 -

O levantamento foi elaborado por amostragem, na forma de fichas catalográficas, nas quais são inseridos o nome do edifício, o arquiteto autor, data da edificação, autoria da obra de arte e o endereço. As plantas foram redesenhadas a partir de exemplares das revistas *Acrópole* elencadas no APÊNDICE, do acervo dos desenhos digitalizados do LABARQ/FAUUSP¹³ e de fontes documentais citadas também na bibliografia. As fotos foram realizadas pelo autor deste trabalho. O desenho do mapa-guia foi extraído do Grupo Executivo da Grande São Paulo - GEGRAN, de 2008 (figura 10).

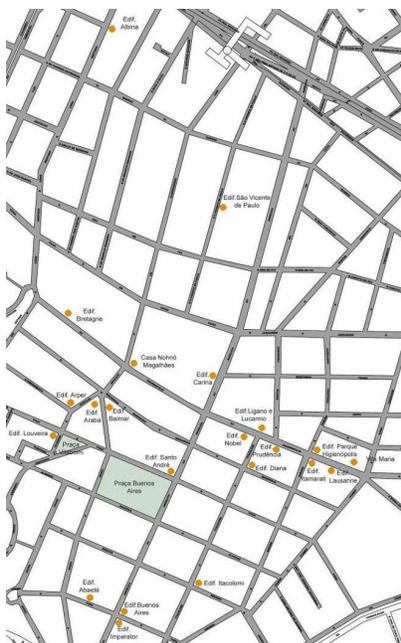
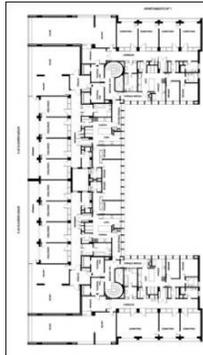


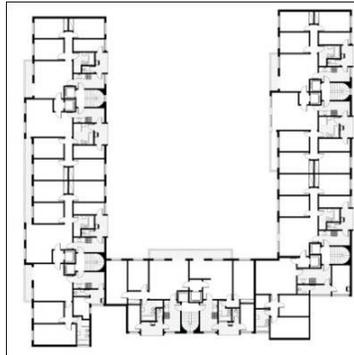
Figura 10 – Mapa-guia de Higienópolis

Fonte: desenho do autor



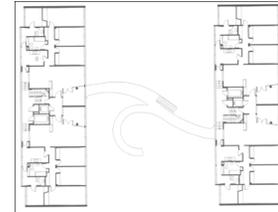
Ed. Prudência

Rino Levi e Roberto Cerqueira
César
1944-1948
Painel: Roberto Burle Marx
Avenida Higienópolis, 245-265



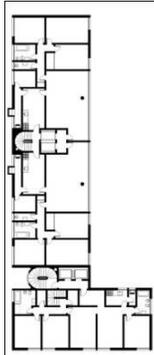
Ed. São Vicente de Paula

Lucjan Korngold
1948-1954
Escultura: Bruno Giorgo
Rua São Vicente de Paulo, 501



Ed. Louveira

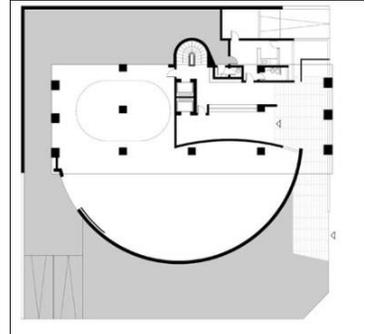
João Batista Villanova Artigas
1948-1954
Painel: Francisco Rebolo
Praça Vilaboim



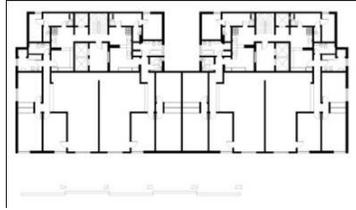
Ed. Buenos Aires
Majer Botkowski
1953-1956
Avenida Angélica, 1867



Ed. Itamarati
Projeto: João Leite Bastos
----- 1953
Avenida
Higienópolis, 147

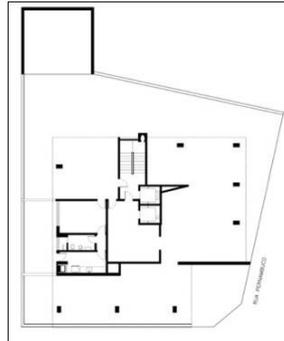


Ed. Diana
Victor Reif
1957 – 1960
Obra de arte: Domenico
Calabrone
Rua Maranhão, 270



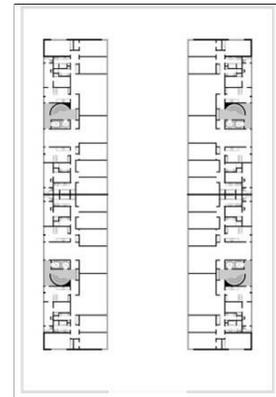
Ed. Lausanne

Franz Heep
Painel: Clóvis Graciano
1953-1958
Avenida Higienópolis, 101

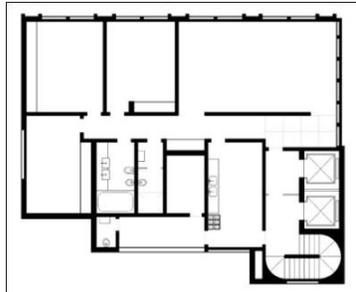


Ed. Arper

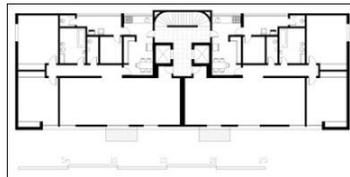
David Libeskind
1959-1962
Rua Pernambuco, 252



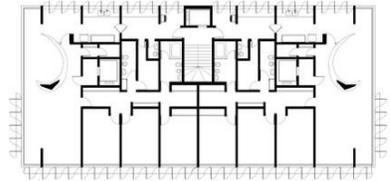
Ed. Lugano e Locarno
Franz Heep
1959-1962
Avenida Higienópolis, 318



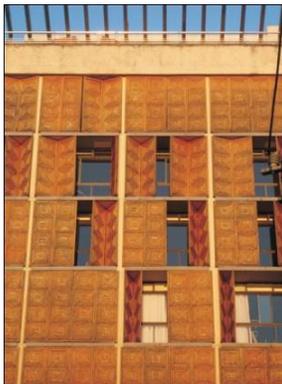
Ed. Arabá
David Libeskind
1960-1962
Rua Aracaju, 235



Ed. Carina
Israel Galman
1959-1962
Av. Angélica, 895



Ed. Abaeté
Abraão Sanovicz
1963-1968
Rua Pará, 222



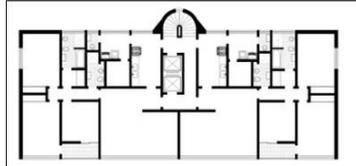
Ed. Albina
Alberto Botti
---- -1963
Rua Cons. Brotero, 801



Ed. Baiamar
Francisco Beck
1962-1964
Rua Bahia, 71

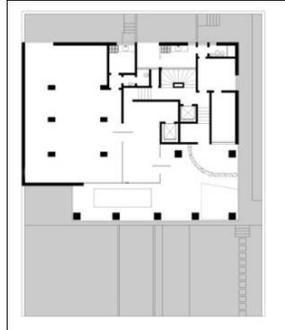


Ed. Imperator
Vaindergorn e Verona
1954-1956
Avenida Angélica, 1905



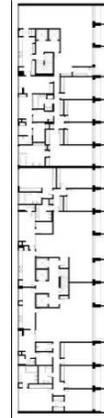
Ed. Itacolomi

Victor Reif
----- 1964
Local: Rua Itacolomi, 465.



Ed. Manon

Victor Reif
----- 1964
Rua Sergipe, 297



Ed. Parque Higienópolis

[A saber]
1966-1969
Avenida Higienópolis, 148

3 Considerações finais

Embora um guia de arquitetura resulte em uma série de imagens e mapas; e em que pese o fato de os edifícios aparecerem desvinculados do contexto urbano, torna-se primordial contextualizá-los com a história e com as características do edifício em sua essência, seus estilos, as condições que o geraram, sua importância e contribuição para a formação de um período de tempo determinado e transformador do campo do conhecimento arquitetônico. E isso em um guia só pode ser realizado quando se faz por escrito. No caso específico deste trabalho em que é ensaiado um percurso, o motivo é que se finde em um guia mais pontual, o qual busca, além dessa contextualização, algo a mais, pois põe em mira o detalhe, pouco comum nos guias. O usuário e leitor que desejar se aprofundar um pouco mais quando se depara com a obra de arquitetura poderá contar, além da organização funcional (as plantas), as obras de arte que interagem com as edificações. Neste sentido, a exemplo dos painéis artísticos, torna-se necessário, mencionar a autoria e a origem. É também importante revelar as dimensões físicas, a exemplo de alguns painéis citados no trabalho. Em certa medida, os guias de arquitetura, além de serem documentos mais direcionados ao turista, podem, inclusive, servir como mote àquele observador mais atento, que é o pesquisador.

4 Referências

ANDRÉ, Maria Cristina Reis. *Catálogo de painéis e murais na cidade de São Paulo*. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1989.

BORTOLLI JR, Oreste. *Referências perdidas: arquitetura em São Paulo 1939-1969*. Tese de Doutorado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2005.

FELDMAN, Sarah. *A configuração espacial da metrópole*. In: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir (orgs.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos e culturais*. São Paulo: SENAC, 2004, p.100-111.

HIROYAMA, Edson Hitoshi. *A dimensão urbana da arquitetura moderna em São Paulo. Habitação coletiva e espaço urbano 1938/1972*. Dissertação de Mestrado. São Paulo: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo –, 2010.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis, grandeza e decadência de um bairro paulistano*. São Paulo: Departamento do Patrimônio Histórico, 1980.

MACEDO, Sílvio Soares. *Higienópolis e arredores: processos de mutação de paisagem urbana*. São Paulo: Pini: EDUSP, 1987, s/p.

MARTIN, Hervé. *Guide de l'architecture moderne à Paris*. Paris: Alternatives, 1996.

WITT, Dennis J. De. *Modern Architecture in Europe a guide to buildings since the Industrial Revolution*. Londres: Weidenfeld and Nicolson, 1987.

SILVA, Luís Otávio. *Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada*. In: CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena; SACCHETTA, Vladimir (orgs.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos e culturais*. São Paulo: SENAC, 2004, p.100-111.

FORTES, Fernando. *Polêmico Artacho: do kitsch ao Cult*. Revista AU Arquitetura e Urbanismo, v.174, p. 69-73, set, 2008.

LOURENÇO, Maria Cecília França. *Operários da modernidade*. São Paulo: Hucitec/EDUSP, 1995.

Revista AU – Arquitetura e Urbanismo. Cenário. v.179 São Paulo: Pini, fev. 179, 2009, p. 7.

BORTOLLI JR, Oreste. *O projeto habitacional implantado pela iniciativa privada na cidade de São Paulo e seus paradoxos*. São Paulo: FAUUSP, 2008, p.89.

Sítios internet

<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/176/artigo116503-2.asp> - acesso em 1 de fev. de 2012.

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6423&cd_idioma=28555&cd_item=1- acesso em 12 jul., 2012

http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6423&cd_idioma=28555&cd_item=1- acesso em 12 jul, 2012.

<http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/78/documento-23920-1.asp>- acesso em 12 jul, 2012

Apêndice

Edifício Abaeté - BORTOLLI JR, Oreste. *O projeto habitacional implantado pela iniciativa privada na cidade de São Paulo e seus paradoxos*. São Paulo: FAUUSP, 2008, p.89; **Edifício Albina** - Revista Acrópole, São Paulo, 293 [150] abr, 1963; **Edifício Arabá** - BORTOLLI JR, Oreste. *O projeto habitacional implantado pela iniciativa privada na cidade de São Paulo e seus paradoxos*. São Paulo: FAUUSP, 2008, p.66; **Edifício Baía Mar** - Revista Acrópole, São Paulo, 309 [46-7] ago, 1964; **Edifício Buenos Aires** - Revista Baía Acrópole, São Paulo, 227 [410-2] set, 1957; **Edifício Arper** - Revista Acrópole, São Paulo, 282 [188-190] mai, 1962; **Edifício Carina** - Revista Acrópole, São Paulo, 287 [360-1] out, 1962; **Edifício Baía Mar** - Revista Acrópole, São Paulo, 309 [46-7] ago, 1964; **Edifício Diana** - Revista Acrópole, São Paulo, 231 [92-3], 1958; **Edifício Imperator** - Revista Acrópole, São Paulo, 1877 [322-3] abr, 1954; **Edifício Itacolomi** - Revista Acrópole, São Paulo, 307 [30-1] jun, 1964; **Edifício Itamarati** - Revista Acrópole, São Paulo, 190 [457-60] abr, 1953; **Edifício Lausanne** - Revista Acrópole, São Paulo, 239 [504-8] set, 1958; **Edifício Louveira** - Acervo dos desenhos digitalizados de João Vilanova Artigas. São Paulo: LABARQ/ FAUUSP,s/p, 2010; **Edifícios Lugano e Locarno** - Revista

Acrópole, São Paulo, 287 [347-9] out, 1962; **Edifício Manon** - *Revista Acrópole*, São Paulo, 318 [24-5] jun, 1965; **Edifício Parque Higienópolis** - BORTOLLI JR, Oreste. *O projeto habitacional implantado pela iniciativa privada na cidade de São Paulo e seus paradoxos*. São Paulo: FAUUSP, 2008, p.77; **Edifício Prudência** - *Revista Acrópole*, São Paulo, 154 [259-62] fev,1951; **Edifício São Vicente de Paulo** - *Revista Acrópole*, São Paulo, 129 [233-5] jan, 1948.

NOTAS

¹ Com poucas modificações de natureza formal este artigo foi apresentado no 4º Fórum Mestres e Conselheiros Patrimônio Turismo e Desenvolvimento Local, em Belo Horizonte, no ano de 2012.

² Refinada e voltada aos moldes culturais europeus, avançada para a mulher de sua época, Veridiana Valéria da Silva Prado exerceu papel importante no bairro, tanto em sua ocupação quanto ao tipo de vida que ali exerceu. Promoveu em casa o primeiro salão cultural de São Paulo, recebendo figuras intelectuais nacionais e estrangeiros. HOMEM, Maria Cecília Naclério. *Higienópolis grandeza e decadência de um bairro paulistano*, p.45.

³ Tudo leva a crer que se tratou da primeira casa do gênero em São Paulo, com planta e materiais importados, inaugurando uma série de palacetes importantes na cidade na virada do século 20, aos quais eram implantados com características de chácaras, podendo ser considerada uma das primeiras residências do Ecletismo em São Paulo. *Op. Cit.* P.44

⁴ Estudiosa do Bairro de Higienópolis, Naclério Homem alega que é possível situar a transformação espacial do bairro em 2 momentos: de 1930 a 1949 e de 1950 até hoje. No primeiro momento, há a perda dos traços que foram peculiares ao bairro, devido o crescimento da cidade, perdendo prestígio para outros bairros, ocorrendo a substituição dos palacetes pelos prédios de apartamentos, a expansão vertical e a perda da exclusividade residencial. Acompanhando a verticalização ocorrente no centro da cidade, surgem prédios de apartamentos e as atividades comerciais e de prestação de serviços intensificam-se. Assim, ocorre a perda da homogeneidade do conjunto urbano original. A partir de 1950, a imagem aristocrática que o bairro sustentou, veio a atrair a construção de edifícios comerciais e residenciais, sendo alvo da especulação imobiliária. As avenidas Higienópolis e Angélica transformam-se em corredores de movimento onde intensificou-se a atividade comercial, inclusive a e escolar com o surgimento de escolas, colégios e faculdades. *Idem*, p. 150-165.

⁵ Para o colégio, simbolicamente importante para o bairro, foram aproveitadas as instalações do sanatório Higienópolis, vendido em 1902 às religiosas de Sion, adaptado por Ramos de Azevedo. Ano seguinte, o Escritório Ramos de Azevedo construiu o prédio principal com 3 pavimentos mais subsolo, constituindo o corpo central do colégio, com projeto atribuído a Domiciano Rossi, da equipe de Ramos de Azevedo. As demais dependências do Colégio dataram de 1910 e 1926, e a capela de 1941. *Ibidem*

⁶ Convém notar que atualmente os antigos casarões pertencem a instituições públicas e privadas. Dois deles aguardam intervenções de restauro e ampliação. O primeiro, publicado na *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo* refere-se à antiga casa de 1922 que pertenceu a Oscar Rodrigues Alves e posteriormente ao Consulado Geral da Itália, hoje Instituto Italiano de Cultura que deve passar por um projeto de requalificação e mudança de uso o que fará com que o bairro entrar em sintonia com a linguagem da arquitetura praticada na Europa no século 21. Trata-se do projeto de linguagem inovadora, do casal italiano Massimiliano e Doriana Fuksas que prevê a extensão nova sede do *Instituto Italiano di Cultura*. Com 1.550m², os dois novos volumes que compõem a edificação prometem instalar uma tensão com o edifício existente, no qual a fachada deve ser mantida e a nova edificação se fará nos fundos do terreno. O projeto prevê lagos artificiais e pátios. Os volumes superiores, conectado ao edifício antigo por passarelas, devem abrigar as salas de leitura, uma biblioteca de para 30 mil livros e um auditório. *Revista AU – Arquitetura e Urbanismo*. Cenário. São Paulo: Pini, 2009, p. 7. O outro se trata da antiga sede da Secretaria da Segurança Pública que foi construída na década de 1920 pelo barão do café Carlos Leôncio Magalhães, o Nhonhô Magalhães que foi comprado, em 2005, pelos proprietários do Shopping Pátio Higienópolis, o Grupo Malzoni, o qual, sem prazo determinado, promete, passará por restauro de fachada e interiores, e transformado em centro cultural. In <http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u551464.shtml>, visitado em 30 de janeiro de 2011.

⁷ A década de 1950 representa o ápice da muralística paulistana e em outras localidades no interior do estado. Contudo, essa prática abre precedentes para controvérsias no sentido de promover a integração arquitetura e arte. Contribuindo ao reforço desta prática, no VIII Congresso Panamericano de Arquitetura realizado em 1952 na cidade do México, Walter Gropius considera como erro a solicitação de pintores somente depois da obra acabada, ou seja, sem que o trabalho seja sincronizado ente arquiteto e artista. Por outro lado, arquitetos brasileiros presentes no congresso, como Rino Levi, Eduardo Kneese de Mello e Oswaldo Correia Gonçalves, os congressos foram significativos e não relegou importância em critérios da prática da arte muralística, entendendo que a obra de arte inserida na promove um realce do edifício na cena urbana.

⁸ Criada em 1940 pelo artista ítalo-brasileiro Rossi Osir, a Osirarte foi uma empresa de azulejaria que, em princípio, teve como propósito realizar os azulejos desenhados por Candido Portinari para o revestimento do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro, atual Palácio Gustavo Capanema.

⁹ <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/176/artigo116503-2.asp> - acesso em 1 de fevereiro de 2012.

¹⁰ http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6423&cd_idioma=28555&cd_item=1 - acesso em 1 de fevereiro de 2012.

¹¹ http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm?fuseaction=artistas_biografia&cd_verbete=6423&cd_idioma=28555&cd_item=1 - acesso em 1 de fevereiro de 2012

¹² <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/78/documento-23920-1.asp> - acesso em 30 de janeiro de 2012

¹³ Laboratório de digitalização do acervo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo